

O SETOR GASTRONÔMICO E A PANDEMIA

REABRINDO

AS PORTAS PARA A FASE DE TRANSIÇÃO



Os desafios de restaurantes, bares e similares que enfrentam os efeitos gerados pela pandemia no setor gastronômico

Andressa Lorenzetti

RMVALE

O último ano foi um festival de abre e fecha para os bares, restaurantes, lanchonetes e outras empresas do setor gastronômico. A cada mudança de fase, uma nova adaptação. Na maior parte do tempo, a opção foi investir no sistema delivery, takeaway para a retirada de produtos no local e drive-thru. Nada comparado a ter os salões abertos, recebendo os clientes pessoalmente. Tem sido um período desafiador, para rever custos, planos de negócio e estratégias de venda. Houve protestos, pedidos incansáveis de reabertura, demissões e fechamentos. Por outro lado, para quem se manteve aberto, houve muito aprendizado, sem perder a esperança de dias melhores.

“Eu peguei um pequeno período tudo aberto e logo veio a fase vermelha, a gente não fechou nenhum dia, trabalhamos sete dias por semana só com delivery próprio e por aplicativo.”

Paula Bianconi Viana,
do Ruanas Burguer



Paula Bianconi Viana e Thiago Batista Cunha, do Ruanas Burguer

Paula Bianconi Viana e Thiago Batista Cunha são donos do Ruanas Burguer em São José dos Campos há 9 anos, mas o espaço físico da hamburgueria só foi montado há 1 ano e 2 meses, justamente quando começava a pandemia da Covid-19. Não precisa nem dizer que a nova fase do empreendimento, que antes era apenas food truck, foi marcada por um grande obstáculo.

“Eu peguei um pequeno período tudo aberto e logo veio a fase vermelha, a gente não fechou nenhum dia, trabalhamos sete dias por semana só com delivery próprio e por aplicativo”, disse Paula, que explica também que já oferecia o serviço de entrega antes da restrição.

Ela diz ainda que precisou demitir funcionários por conta da redução das vendas e viu os clientes muito mais distantes agora do que nas fases anteriores. “A gente sentiu uma queda de mais de 50% dos pedidos de delivery, foi grotesca a diferença”, lamenta.

A reabertura no dia 24 de abril trouxe um alívio, mas sem grandes expectativas de movimento por enquanto. A criatividade se mantém ativa para chamar atenção, com novos lanches no cardápio e promoções. “É ganhar confiança de novos clientes e não deixar os clientes antigos cansarem do meu produto, esse foi um ponto positivo do que a gente foi aprendendo também”, enfatiza a comerciante.

O SETOR GASTRONÔMICO E A PANDEMIA



Júnior Ferreti e Fernanda Heringer Ferreti, da Enoteca Ferreti

UM RECOMEÇO

Junior Ferreti é proprietário há sete anos da Enoteca Ferreti, uma casa especializada em vinhos. A empresa está localizada no Jardim Aquarius, também em São José dos Campos. Um ambiente agradável, que lembra muito os bares e bistrôs europeus, ideia que ele trouxe depois de morar por dez anos da Itália. Uma bela e requintada atração para os clientes, mas o cenário mudou com tantas idas e vindas de medidas restritivas por causa das decisões do governo sobre o combate à Covid-19.

“Esse momento para mim tá sendo como para todos os comerciantes, extremamente difícil porque o delivery não me atende, realmente a conta não fecha. Então nós tivemos que demitir inúmeros funcionários, eu tinha um outro bar inclusive, que era o Heringer Lounge Bar. Eu tive que fechá-lo; tinha 10 funcionários registrados. Na Enoteca Ferreti eu tinha seis, e hoje eu conto somente com dois, ou seja, eu mandei quatorze funcionários embora, juntando as duas empresas”, explica o empresário.

Outras medidas foram tomadas para

reduzir as despesas como compras diárias em pequenas quantidades e trabalhar com o que tem. “Cortei muitas opções, de modo que eu enxuguei a operação, para que a gente conseguisse suportar o momento”, acrescenta.

Em relação ao poder público, Junior afirma que foi muito crítico, principalmente nas redes sociais, sempre foi contra todo o tipo de medida adotada que prejudicasse o ramo dos bares e restaurantes. “Quando eu tive que apoiar o prefeito em situações a favor dos proprietários de restaurante eu apoiei, mas eu sempre fui muito categórico em dizer que o Governo de São Paulo acabou com uma das classes mais valiosas que o comércio detinha que é a classe dos bares e restaurantes. Ele deveria ter instituído um lockdown que fechasse literalmente todas as áreas de comércio, isso inclui supermercados, tudo atendendo somente por delivery, ele preferiu dar esse poder aos supermercados, farmácias, e as lojas de material de construção, e principal-

mente às empresas de transporte público onde existe a maior concentração de pessoas nesse momento”, ressaltou.

Reforça ainda que nunca acreditou no fechamento dos bares e restaurantes, e que por consequência viu que os números da doença aumentaram muito. Entende que o fechamento não passou de ilusão, de um lockdown falido. “Uma coisa que não funcionou, e ele insistiu, o Governo de São Paulo tem meu repúdio. Um Governo realmente triste, de um político que deixou o ego falar mais alto num momento em que a população clamava por um líder que olhasse realmente o lado da população e não da visão do próprio umbigo”, disse sobre a gestão de João Doria.

“A coisa mais positiva de tudo isso foi o fato de entendermos que somos fortes, e que de alguma forma ou de outra, sobrevivemos. O mais triste de tudo, é você perceber que pessoas honestas, pagadoras de impostos e geradoras de riqueza do estado para o governo, para a cidade, foram reduzidas às cinzas, fechando seus comércios, colocando funcionários na rua, comércio de anos, então eu acho que se tem algo no olhar de gestão, eu acredito que sem dúvida nenhuma foi o fator preponderante da força de vontade, do espírito de luta de cada empreendedor, que é o que acaba movendo cada empreendedor”, acrescenta.

O empresário finaliza falando que neste momento de tantas incertezas, se dedicou mais aos momentos de fé. “Eu acredito que serviu para gente, dentro dos nossos conflitos internos que cada um tem no seu dia a dia, entender que no final das contas Deus dá força e não dá a cruz maior do que aquela que a gente pode suportar. Então foi Deus que nos manteve em pé”.

Explica também que é preciso acreditar em dias melhores, porque trabalhar no comércio tem que ser otimista, embora tudo venha ao contrário, o pensamento otimista não pode faltar.

Acre
ditar

Fundamental
Médio | Técnico

www.colegiosunivap.com.br

@univapcolegios @colegiosunivap

colégios
Univap

COLEGIOS UNIVAP

O SETOR GASTRONÔMICO E A PANDEMIA

POUCO APOIO DO PODER PÚBLICO

O presidente do SINHORES (Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares), Antonio Ferreira Junior, que representa 18 municípios de São José e região, explica que a sobrevivência do período foram mesmo a criatividade e o delivery, mas nem todos conseguiram resistir aos salários integrais, aluguel, fornecedores, impostos e outros custos.

“Imagine um bar, com música ao vivo, “porçãozinha”. Esse comerciante não tem o que vender no delivery, ou ele cria um produto para tentar vender, ou ele tem recurso, um dinheiro para manter esse negócio fechado. Ficamos nessa fase de não poder atender presencialmente o cliente por pelo menos 40 dias”, explica.



Dono de um restaurante que funciona há mais de 50 anos, ele reclama da falta de apoio dos governantes, que pouco teriam feito pelo setor no ano passado e menos ainda este ano.

“No ano passado, teve um apoio interessante que foi a medida provisória 936, que depois virou a lei 14.020, que possibilitava a suspensão do contrato de trabalho e redução de jornada e salário proporcionais. Isso aí ajudou bastante as empresas, mas encerrou no dia 31 de dezembro de 2020. Nesse ano, o Governo Federal não fez essa lei de novo. Existe o projeto aprovado, está pra sair uma coisa bem parecida com o que foi feito no ano passado, com reduções e o governo bancando, isso alivia a empresa. Nesse ano o governo não deu apoio nenhum para o empresário, e em nível estadual a gente paga o ICMS, o governo Doria aumentou o ICMS sobre os produtos que a gente utiliza, dificultando ainda mais a nossa vida”, relatou.

Quanto ao município, no caso do ISS que os hotéis pagam, teve governo que jogou o pagamento lá pra frente, só que ficou no mesmo dia do vencimento do próximo imposto. “Parece que as pessoas não têm noção do fluxo de caixa. Tudo no mesmo dia, tem que ter um caixa disponível. O poder público não tem ajudado muito não”, criticou.

Sobre as cobranças feitas pelo sindicato

“Parece que as pessoas não têm noção do fluxo de caixa. Tudo no mesmo dia, tem que ter um caixa disponível. O poder público não tem ajudado muito não.”

Antonio Ferreira Junior,
presidente do SINHORES de
São José dos Campos e região

ao Executivo, Antônio conta que foi conversado várias vezes, sem muito avanço, levando sugestões. Disse que participou de várias reuniões com o prefeito de São José dos Campos e com o Comitê de Enfrentamos à Covid-19. Fala que a falta de apoio para os 24 sindicatos do setor no estado, tem gerado um desgaste, onde estão cansados de não serem ouvidos, por isso passaram atuar com o suporte da Federação que os representam.

“Passamos a agir diretamente com o Governo do Estado, mandando ofício, sugestões, pedindo com responsabilidade, pouquíssimos dos nossos pleitos foram atendidos. O Governo do Estado pouco ouve, pouco leva em consideração, mas a gente continua atuando”, complementa.

O PREFEITO E AS LIVES

O prefeito de São José dos Campos, Felício Ramuth, que vem fazendo diversas lives nas redes sociais, disse durante uma delas que a retomada dessas atividades mesmo que gradativa, depende das definições do Estado, já que em outros momentos quando houve fechamento total ou parcial, não foi possível reverter por muito tempo por questões judiciais. Mesmo a prefeitura recorrendo e até conseguindo a reabertura do setor,

todas as liminares foram derrubadas.

“O que nós fizemos foram aquelas anistias em relação às multas do ano passado, prorrogamos alguns impostos, mas por exemplo o setor de bares e restaurantes não paga o ISS, paga o ICMS, que é um imposto estadual. A melhor coisa é deixar o que vocês sabem fazer, que é trabalhar, abrir seus comércios”, disse o chefe do Executivo joseense.



Foto: Reprodução Facebook

VACINA CARAGUÁ

SEU JEITO PRÁTICO DE SABER QUANDO E ONDE SE VACINAR.

Baixando o aplicativo Caraguatatuba 156, você tem a atualização do Vacina Caraguá e pode se inscrever para ser imunizado contra a Covid-19. Com isso vamos acabar com as filas e todas as pessoas terão local, data e hora marcada para receber a vacina. Uma pessoa pode, pelo seu aplicativo, cadastrar toda a família, apresentando os documentos necessários. Não perca tempo. Cadastre-se e espere a sua vez!

A vacinação depende das doses enviadas pelo Governo do Estado e Governo Federal.

disponível em:  

Para mais informações, **LIGUE 156** 


PREFEITURA DE CARAGUATATUBA

BAIXE AGORA E CADASTRE-SE

Para mais informações, **LIGUE 156**



O SETOR GASTRONÔMICO E A PANDEMIA

FASE DE TRANSIÇÃO DO PLANO SP



Foto: Governo do Estado de São Paulo

Depois de um mês na chamada Fase Emergencial, o estado de São Paulo entrou numa nova fase chamada de Transição. A ideia do governo é preparar a população para passar da fase vermelha para a laranja do Plano São Paulo, com menos restrições, levando em conta os dados relacionados à evolução da Covid-19 quanto ao número de casos e ocupação de leitos.

De acordo com o Centro de Contingência de Combate à Covid, houve uma leve melhora nos índices de novos casos, internações e óbitos pelo coronavírus no estado.

A Fase de Transição começou no dia 18 de abril e foi prorrogada até o dia 9 de maio, com atendimento presencial em todos os municípios paulistas de lojas e comércios, além de cultos e ce-

lebrações religiosas com 25% da capacidade e medidas sanitárias. O horário de funcionamento ficou das 11h às 19h até o dia 30 de abril, e das 6h às 20h a partir do dia 1º de maio.

O horário estendido vale para estabelecimentos comerciais, galerias e shoppings. O mesmo expediente poderá ser seguido por serviços como restaurantes e similares, salões de beleza, barbearias, academias, clubes e espaços culturais como cinemas, teatros e museus. A decisão sobre as praias, segundo a gestão João Doria, continua sob a responsabilidade dos municípios. Os serviços considerados essenciais seguiram abertos durante todas as fases de flexibilização.

O toque de recolher entre 20h e 5h continua valendo para todo estado, assim como o teletrabalho (home office) para atividades administrativas não-essenciais. O governo também continua aconselhando serviços, empresas e indústrias a adotarem o escalonamento de entrada e saída, afim de evitar superlotação no transporte público durante os horários de pico.

UNIÃO, CRIATIVIDADE E ÂNIMO



Foto: Divulgação

O sócio-proprietário do restaurante Quintal da Villa em Ubatuba, Vladimir Borges Guazzelli, compartilha o que precisou fazer para manter o funcionamento da empresa, não houve tempo para esperar o que iria acontecer. “Rapidamente nos preocupamos com a montagem do novo sistema de trabalho delivery e retirada que antes não fazíamos pelo porte do restaurante ser “à la carte” com pratos nobres. Teve que adaptar todos os pratos para fazer entrega e chegar na casa do cliente com o mesmo aspecto e sabor”. E uma novidade passou a acompanhar os pedidos. “Fomos o primeiro restaurante a colocar saquinhos com álcool pendurados na parte da

frente da sacola personalizada. A segunda preocupação foi as embalagens serem adequadas com a entrega e também não dispensar ninguém da equipe”.

No Quintal da Villa e no outro estabelecimento chamado Madallena Café, dois dos garçons passaram a fazer entregas como motoboys. Assim foi possível garantir o serviço e empregos, com um suporte a mais dos funcionários. “Confesso que foi um sucesso, porém o delivery foi sustentado pela equipe, pois alguns abriram mão de seus salários e juntamos força, somos 20 no total de colaboradores, e sua maioria já com mais de dois anos de casa, seguiu toda equipe, não dispensamos”.

Na cafeteria, houve inovação com as caixas de cafés da manhã, da tarde e temáticos de uma forma com que em ple-

na pandemia no ao passado, precisou até fazer contratação de um confeitoiro. “Fiz empréstimo para pagar salários dos funcionários via capital de giro”, explicou e reclamou do pouco suporte do governo. “Infelizmente a ajuda do poder público não chegou a quase ninguém, os planos demoraram muito a chegar e quem não se virou, inovou, não conseguiu segurar, o poder público foi muito omissivo quanto ao nosso setor que sempre foi primeiro a ser atingido, primeiro a fechar e último a abrir”. Houve até o suporte dos clientes, que anteciparam o pagamento do que iriam consumir futuramente, deixando de crédito.

“Muitos dos clientes começaram a nos ajudar mandando dinheiro mesmo e quando abrisse eles gastariam este valor.

Com isso arrecadamos mais de 6 mil reais sem ao menos ter pedido e nos deu uma baita força de ânimo para continuar nosso trabalho”, diz confiante o empresário que já anuncia expansão dos negócios para o mês de maio.

“Fomos o primeiro restaurante a colocar saquinhos com álcool pendurados na parte da frente da sacola personalizada.”

Vladimir Borges Guazzelli,
sócio-proprietário do restaurante
Quintal da Villa em Ubatuba

O VÍRUS AINDA ESTÁ POR TODA PARTE. SE NÃO SE CUIDAR, AMANHÃ VOCÊ PODE NÃO ESTAR.

A pandemia continua e a única forma de salvarmos vidas é com a ajuda de todos. Só saia de casa se for necessário, use máscara, higienize sempre as mãos e não participe de aglomerações. Cuide-se e proteja quem você ama.

JUNTOS POR UMA JACAREÍ PROTEGIDA E RESPONSÁVEL PARA TODOS.



O SETOR GASTRONÔMICO E A PANDEMIA

A RETOMADA E SEUS DESAFIOS

CAMPOS DO JORDÃO

No primeiro dia de reabertura de restaurantes e parques, os turistas movimentaram a cidade de Campos do Jordão, aproveitando a coincidente queda na temperatura. Teve fila nas barreiras sanitárias montadas pela prefeitura nas entradas da cidade, no Portal pela SP 123 e pela SP 50.

De acordo com informações da Prefeitura Municipal, até o dia 22 de abril, a média da taxa de ocupação na cidade era de 30%, devido às casas de veraneio, turistas que alugam imóveis para passar o final de semana e aqueles que visitam a cidade em um dia.

O Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares (SINHORES) informou que a taxa de ocupação na parte hoteleira ficou entre 60% e 70% até o dia 25, enquanto nos restaurantes, por lei, ficou assegurada a ocupação em torno de 25% de atendimento ao público. O diretor do sindicato em Campos do Jordão e região serrana, Paulo Cesar da Costa, conta que essa segunda onda da Covid-19 foi ainda mais difícil de ser superada.

“Desde março estávamos aguardando alguma ajuda por parte dos governantes, e infelizmente não veio, economicamente a maioria está quebrada ou quebrando. Como não tínhamos previsão de nada, muitas empresas foram obrigadas a fazer demissões, e algumas até já fecharam as portas definitivamente, creio que 30% aqui na região”, desabafa.

Disse ainda que o setor de turismo, principal atividade econômica da cidade, foi o mais afetado com as restrições. Na parte de gastronomia, o público que procura a cidade, não é adepto ao delivery e muitos restaurantes nem arriscam abrir para atender nessa modalidade, pois a conta não fecha. E sem atrativos como quando os parques estiveram fechados, desestimulou a vinda dos turistas.



Foto: DER-SP

Fila no portal de entrada de Campos do Jordão

“Aguardamos uma MP por parte do Governo Federal, para suportar parte da folha de pagamento caso a pandemia se prolongar. Para evitar mais demissões do setor”

Paulo Cesar Costa,
diretor do SINHORES de Campos do Jordão e região serrana

“As prefeituras locais estão com prorrogação de impostos e o Governo Estadual e Federal também estão prorrogando os impostos. Porém isso chegou muito tarde e vários já estão endividados. O Governo Estadual propagou uma ajuda através do Banco do Povo e Desenvolve São Paulo, mas a maioria não consegue o recurso que muitas vezes tem um teto de apenas R\$ 10 mil. O Pronampe do Governo Federal também não tem mais recursos. Somente os bancos têm linhas de crédito, mas com os juros muito altos”, relatou.

Para minimizar um pouco a situação dos empregados, o SINHORES e o SECHOTEL (Sindicato Empregados, Comércio Hoteleiro, Bares Restaurantes e Similares) da parte dos funcionários, fecharam um acordo flexibilizando férias, jornada de trabalho e até mesmo parcelamento de rescisão se for o caso.

“Aguardamos uma MP por parte do Governo Federal, para suportar parte da folha de pagamento caso a pandemia se prolongar. Para evitar mais demissões do setor”, finaliza Paulo.



Foto: Maurício Malaquias

Centro de Campos do Jordão



Foto: Arquivo Pessoal

Paulo Cesar da Costa, diretor do SINHORES de Campos do Jordão e região serrana

LITORAL NORTE

Enquanto boa parte dos municípios paulistas aguardavam o dia 24 de abril, outros, como os do Litoral Norte, se anteciparam na reabertura de bares, restaurantes e similares, com medidas restritivas. São Sebastião, Caraguatatuba e Ilhabela retomaram as atividades juntamente com outros setores do comércio antes do dia 18, ao contrário do que determinava o Estado.

A justificativa das prefeituras que se anteciparam era de que o comércio já estava bastante prejudicado e precisava retomar as atividades para evitar maiores prejuízos.

Em todos os casos, as prefeituras reforçam para que os turistas não se esqueçam de respeitar todas as normas de segurança ao visitarem as cidades como o uso de máscara, distanciamento social, evitar aglomerações e respeitar as taxas de ocupação dos estabelecimentos locais, além dos horários.

Viva agora o seu momento Audi.
Aproveite CONDIÇÕES ESPECIAIS e POR TEMPO LIMITADO.

Audi Q7 **Audi Q8**

COM BÔNUS DE ATÉ **R\$ 30.000,00*** *Consulte condições

ENTRE EM CONTATO E FECHÉ UM EXCELENTE NEGÓCIO.

Mogi das Cruzes: **11 4795-6070**
ATENDIMENTO: São José dos Campos: **12 3904-2422**

SEMINOVOS AUDI CERTIFICADOS COM 1 ANO DE GARANTIA E PARCELAS QUE CABEM NO SEU BOLSO.

Audi Center Mogi Av. Francisco Ferreira Lopes, 535
Vila Lavinia | (11) 4795-6070
WWW.AUDICENTERMOGI.COM.BR

Audi Center S. J. dos Campos Av. Jorge Zarur, 181
Vila Ema | (12) 3904-2422
WWW.AUDICENTERSJDOSCAMPOS.COM.BR

Agende sua Revisão via WhatsApp MOGI DAS CRUZES (11) 94001-6971 S.J. CAMPOS (12) 97409-6353

Imagens meramente ilustrativas. Consulte condições completas em nossas concessionárias.

O SETOR GASTRONÔMICO E A PANDEMIA

O PLANO DE RETOMADA DO ESTADO DE SÃO PAULO E AS COBRANÇAS DO SETOR

Em entrevista à **Metrópole Magazine**, a secretária de Desenvolvimento Econômico do Estado (SED), Patrícia Ellen, explicou como o Governo de São Paulo tem trabalhado e planejado a retomada econômica para as regiões mais afetadas pela pandemia, principalmente as que dependem do setor da gastronomia e do turismo.

Ela enfatizou que o Vale do Paraíba é uma das maiores prioridades do governo, pois foi muito impactado devido às características desses setores e também de serviços tecnológicos. “Nós estamos monitorando a região como um todo, mas em especial o município de Taubaté e o município de São José dos Campos, nós tivemos nos municípios vizinhos, nas regiões que fazem fronteira com o Vale do Paraíba, é uma das regiões prioritárias no que tange a retomada econômica”, disse.

Acrescentou ainda que está sendo lançada uma iniciativa de recuperação de fotelecimento do Vale Histórico, que é exatamente para o fomento do turismo. Que estão trabalhando na retomada do setor de tecnologia, e no comitê de retomada econômica regional em parceria com a Fapesp, a Fecomércio e Sebrae, para que possam unir esforços e ter um pacto concentrado na região considerada estratégica para o estado.

A secretária esclarece que desde o início da pandemia, o governo tem trabalhado com linhas de crédito emergencial, através do Banco do Povo e do Desenvolve São Paulo, em parceria com o Sebrae. “Nós durante toda a pandemia já desembolsamos mais de R\$ 2 milhões em crédito em vários formatos, para os setores mais impactados. Nesta segunda onda, nós criamos uma linha emergencial específica de R\$ 100 milhões através do Banco do Povo e Desenvolve São Paulo que inclusive está aberta nes-

te momento para inscrições. O governo segue com esse compromisso a pedido do governador João Doria, de dar atendimento especial. Fizemos ainda algumas isenções, além da manutenção do serviço de água e gás quando não há pagamento e o último pedido feito pelo setor, foi a liberação da exigência do Cadin (Cadastro Informativo dos Créditos não Quitados de Órgãos e Entidades Estaduais), porque muitos dos empreendedores alegavam não conseguir ter acesso a crédito devido à negatização. Nós precisávamos de uma lei, esta lei foi aprovada pela Assembleia Legislativa e está sendo sancionada pelo governador. Além do crédito há programa de fomento ao empreendedorismo, formalização, gestão na crise e estamos agora trabalhando com os setores na criação dos comitês regionais de retomada econômica em todo estado de São Paulo”.

Sobre as cobranças quanto ao teto limitado para a liberação dos empréstimos, Patrícia reforça que não há como alterar e criticou a atuação do Governo Federal nesta área. “Nós temos teto no Banco do Povo que é voltado para microcrédito, os aportes de crédito são de R\$ 20 mil, mas no Banco Desenvolve São Paulo, o limite é proporcional ao faturamento da empresa. Independentemente disso, nós temos que lembrar que o Estado não tem o poder de emissão de moeda, de mudança no padrão de endividamento como o Governo Federal tem. O aporte na casa dos milhões para linhas emergenciais a gente seguirá realizando, mas o aporte na casa dos bilhões nós precisamos da complementação do Governo Federal. E o Governo Federal nesta segunda onda, para surpresa de todos, foi uma onda muito mais dura da pandemia no momento em que os setores já estavam convalescidos, o aporte, o apoio emergencial econômico



Foto: Divulgação

“Nós durante toda a pandemia já desembolsamos mais de R\$ 2 milhões em crédito em vários formatos, para os setores mais impactados”

Patrícia Ellen,
secretária de Desenvolvimento
Econômico do Estado

federal foi nulo”. Apesar disso, há uma expectativa de um apoio maior quanto a complementação de recursos.

Ela também atribui as dificuldades dos empresários, ao desrespeito às medidas sanitárias, já que com o aumento no número de contaminados, o fechamento das atividades consideradas não essenciais acaba sendo uma consequência.

“O setor de bares, restaurantes e eventos acaba tendo uma característica mais natural de formação de aglomerações. Nós vimos infelizmente também o descumprimento, o baixo uso de máscara acon-

tecendo no ambiente de bares, de festas e eventos, e por isso em todo mundo acaba sendo os setores que são liberados de uma forma mais ampla nos últimos estágios de controle da pandemia”.

O Estado tem monitorado, através da Junta Comercial, o índice de abertura e fechamento de pequenas empresas e também com porte um pouco maior. “Tivemos um trabalho grande no sentido de formalização de empresas para apoiá-las durante a pandemia e conciliando também como todo o trabalho de crédito e empreendedorismo. De março a dezembro de 2020, nós tivemos baixa de cerca de 86 mil empresas, uma queda de 15% com relação ao mesmo período de 2019, ou seja foi menor. No primeiro trimestre de 2021, nós tivemos um fechamento de 25.822 empresas, que é um aumento de 3% em relação a 2020, mas nós temos uma taxa muito positiva de abertura de empresas. Tivemos o maior saldo positivo líquido de abertura de empresas dos últimos 23 anos da Junta Comercial”.

Quanto aos incentivos fiscais e a polêmi-

ca causada quanto ao anúncio de aumento do ICMS sobre os alimentos, matéria-prima essencial para o setor gastronômico, a secretária esclarece que tem sido um tema muito dialogado com os setores. “Eu pessoalmente junto com o governador João Doria participei de uma negociação intensa, nós precisávamos garantir as economias da reforma administrativa, para que pudéssemos investir na saúde, e em áreas críticas da educação, segurança e infraestrutura, inclusive infraestrutura é uma área que gera empregos, então a gente tava nesse balanço aqui, com esse cobertor curto de dialogar e atender os diversos setores. Mas já no início desse ano, nós conseguimos atender os pleitos com relação à isenção total dos insumos agropecuários, hortifrutigranjeiros, energia elétrica para a agricultura, questão do leite, das carnes, e todos eles foram atendidos. Então esses pleitos foram contemplados, e inclui a parte de aves. Agora nós estamos numa nova negociação com relação às contas, negociação da dívida ativa”, complementa.

Questionada sobre uma estimativa de quando o setor vai sentir na prática o começo da recuperação de todo o prejuízo gerado nos últimos meses de restrições e portas fechadas, ela cita a importância de acelerar a vacinação em conjunto com o Governo Federal, para que a flexibilização consiga avançar no Plano SP, e os comerciantes normalizem a rotina de trabalho.

“Eu adoraria ter essa resposta de uma forma mais estável. Nós tivemos o oitavo atraso consecutivo no cronograma nacional de entrega de vacinas, e uma dependência ainda de mais de 80% das vacinas realizadas sendo do Butantan. Nós precisamos de mais vacinas para termos esta estabilidade dos países que estão saindo da pandemia mais rapidamente. São os que já estão apresentando 50% da população vacinada, entre a primeira e segunda dose. O Brasil está ainda muito longe disso, nós não chegamos a 20% como média nacional. Então nós precisamos de um cronograma que seja cumprido, um compromisso cumprido, nas áreas das vacinas e do apoio econômico, conclui.

NÚMEROS DO COMÉRCIO

Apesar da crise da pandemia, dados divulgados pela Junta Comercial do Estado de São Paulo mostram que o Vale do Paraíba teve um saldo positivo de abertura de novas empresas no primeiro trimestre de 2021, com 1.011 novos negócios. A comparação feita é a abertura de 2.298 empresas contra o fechamento de 1.287. Isso as que informaram o encerramento das atividades. A média foi de 337 empresas abertas por mês, o que superou 2020 que teve 312.

No ano passado foram 8.599 novos negócios inaugurados, contra 4.854 fechamentos, gerando um saldo positivo de 3.745. Em destaque estão as oficinas

de carros e motos (25%) que apesar disso também aparecem na lista das que mais fecharam, atividades científicas e técnicas (14,7%), atividades administrativas (10,9%) e negócios na área de saúde e serviço social (10,4%).

Depois das oficinas, as empresas que mais fecharam foram as do ramo de alojamento e alimentação (12%), atividades administrativas (10%) e atividades científicas (7%).

A presidente da ACI (Associação Comercial e Industrial de São José dos Campos), Eliane Maia, analisa os dados e causas para o encerramento de atividades econômicas.

“Uma delas é que diversos proje-

tos individuais, de abrir um novo negócio, estão sendo colocados em prática. São pessoas que acabaram desligadas do seu trabalho formal. Também estão nascendo novos modelos de negócio nesse período, amparados na tecnologia digital”.

Ainda segundo a ACI, as micro e pequenas empresas também cresceram durante a pandemia, e se reflete na contratação de mão-de-obra e na geração de emprego e renda. “No Vale, os negócios optantes pelo simples nacional, segundo a Receita Federal, passaram de 206,3 mil no final de 2019 para 241 mil um ano depois, 16,77% de aumento”, informou a entidade. ■